

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL



PÓS-FOTOGRAFIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: NOVOS PARADIGMAS DA IMAGEM DOCUMENTAL

Vinicius Gustavo Franco, UNESP - PPGCI, ORCID: 0009-0002-0783-5150, Brasil,
vinicius.g.franco@unesp.br

Telma Campanha de Carvalho Madio, UNESP - PPGCI, ORCID:0000-0002-7031-2371, Brasil,
telma.madio@unesp.br

Thiago Rafael Martins, UNESP - PPGCI, ORCID:0009-0006-9476-8775 , Brasil,
thiago.rafael@unesp.br

Exo: Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação

1 Introdução

A fotografia sempre ocupou um lugar central na preservação da memória e da história, sendo tradicionalmente considerada um registro visual fidedigno da realidade. No entanto, o avanço das tecnologias digitais, em especial a Inteligência Artificial (IA) generativa, tem transformado profundamente a forma como imagens são produzidas, interpretadas e utilizadas socialmente. Modelos como as Redes Generativas Adversárias (GANs) inauguram fase, a da pós-fotografia, em que a criação visual pode ocorrer sem qualquer mediação óptica. Questionar a fotografia, uma técnica impregnada de ciência, isto é, uma tecnologia, é examinar as referências modernas sobre o que é “verdadeiro ou falso”, “real e aparente”, e que não fazem mais sentido agora imersos numa sociedade com tal capacidade de imaginação, principalmente quando essa capacidade de fabricar e se comunicar por meio de imagens se revela, aqui se assume, com mais evidência no universo digital, Souza (2006). Neste cenário, imagens

hiper-realistas podem ser geradas por meio de simples comandos textuais, confundindo-se com registros feitos por câmeras fotográficas. A produção de imagens sintéticas, que não possuem referente direto no mundo real, desafia os limites entre o documental e o ficcional, reconfigurando noções de autenticidade, autoria e veracidade. Além disso, suscita discussões cruciais no campo da Ciência da Informação, especialmente no que se refere ao valor informacional dessas imagens e seus efeitos sobre os processos de comunicação e preservação. Este artigo propõe-se a analisar criticamente os impactos da IA na fotografia contemporânea, discutindo como essas ferramentas reconfiguram os conceitos tradicionais de registro visual e informação fotográfica, e promovendo uma reflexão, técnica e epistemológica sobre o uso da imagem no universo digital. Para a Ciência da Informação, essa reconfiguração de conceitos é particularmente pertinente, pois as imagens são também objetos de representação de informação visual. A

proliferação de conteúdos visuais que simulam a realidade, mas não a registram diretamente, exige a revisão de categorias documentais e a criação de novas abordagens para a validação da informação. O valor informacional dessas imagens, bem como seus efeitos sobre os processos de comunicação e tratamento, torna-se um campo de estudo crucial para assegurar a confiabilidade dos acervos digitais e a literacia informacional dos usuários. Este artigo, portanto, busca fomentar uma discussão robusta sobre as responsabilidades dos profissionais da informação diante de um cenário no qual a linha entre o real e o simulado se torna cada vez mais tênue, afetando a própria compreensão da linguagem visual e seus objetos informacionais.

2 Referencial Teórico

A fotografia, enquanto documento, exerce a função de registrar, preservar e representar visualmente um acontecimento (Marcondes, 2005). Tonello e Madio (2018) destacam que a fotografia conquistou, ao longo do tempo, a posição de documento expressivo, sendo reconhecida como fonte legítima de informação. Contudo, as barreiras entre imagem documental e representação digital se tornam difusas. Entler (2020) aponta que a pós-fotografia representa uma ruptura com os paradigmas tradicionais, sendo marcada pela influência de tecnologias que desafiam os conceitos de autoria e realidade. Beiguelman (2023) afirma que a IA embaralha as linhas entre o real e o artificial, tornando cada vez mais difícil validar a autenticidade de imagens e vídeos. Santaella (2024) reforça que as IA generativas são capazes de produzir imagens hipnotizantes e verossímeis, muitas vezes indistinguíveis de fotografias reais. Esse novo paradigma exige uma revisão das definições tradicionais de imagem e documento. Madio e Fujita (2008) argumentam que a gênese documental da fotografia deve ser entendida como resultado de uma função, institucional ou pessoal, mesmo quando sua produção

ocorre por meios digitais. Assim, uma imagem gerada por IA, ainda que não derive de um disparo fotográfico, pode conter elementos informacionais significativos que justificam sua análise como documento. Souza (2006) complementa que a sociedade atual, profundamente visual e conectada, exige novos parâmetros para diferenciar o verdadeiro do falso, o real do simulado. As imagens criadas por IA desafiam não apenas os critérios técnicos da fotografia, mas também as estruturas sociais e cognitivas que validam o que vemos como real. A pós-fotografia emerge como um conceito central para a compreensão das profundas transformações que a imagem, e a fotografia em particular, têm experimentado na era digital, especialmente com o avanço da IA. A fotografia, em sua concepção clássica, é comumente compreendida não apenas como uma imagem, mas como um registro dotado de intencionalidade, contexto e vínculo com o real. Uma imagem resultante de um processo técnico, mas como um verdadeiro ato icônico, inseparável de suas circunstâncias de produção e recepção, o contexto. Existe a noção de “imagem-ato”, ressaltando que o ato fotográfico inclui tanto a criação quanto a contemplação da imagem, sendo, portanto, uma experiência pragmática e encarnada, Dubois (2008). O problema reside no fato de que o usuário tende a interpretar as imagens geradas por IA da mesma forma que interpreta uma fotografia convencional. Essa equiparação ignora as diferenças fundamentais entre ambas, e o impacto informacional decorrente dessa confusão pode gerar diversos equívocos, especialmente no que se refere à autenticidade, à veracidade e ao valor documental da imagem. Complementando o pensamento tradicional Dubois (2008), a fotografia carrega consigo um traço do real, funcionando como índice e não apenas como representação. Mesmo quando seus aspectos técnicos são considerados, permanece uma adesão incontornável ao referente, o que a diferencia de outros modos de representação visual e mantém sua força como testemunho da realidade.

Figura 1: Explosão das Pirâmides de Gizé, gerada por IA



Fonte: Captura de tela do site Sora, feita pelos autores (2025).

Quando o realismo presente nas imagens geradas por IA supera os limites técnicos dos equipamentos tradicionais e oferece ao usuário elementos visuais que induzem à percepção de realidade, essas imagens passam a ser interpretadas como fotografias autênticas. A informação visual nela contida tende a ser compreendida como verdadeira e extraída diretamente de algum lugar no tempo e espaço. Nesse contexto, essa nova forma de representação visual do mundo configura-se simultaneamente como uma ferramenta que desafia os critérios tradicionais de autenticidade e confiabilidade da imagem fotográfica, comprometendo a distinção entre documento e simulação. Arlindo Machado ao fazer a introdução do livro do Vilém Flusser (1998), faz a seguinte observação: O computador permite hoje forjar imagens tão próximas da fotografia, que muita gente não é mais capaz de distinguir entre uma imagem sintetizada com recursos da informática e outra «registrada» por uma câmara. Atualmente as IA ultrapassaram

exponencialmente as tecnologias vigentes em 1998, não somente pelo poder que se deu no processamento de dados, mas também pela quantidade de imagens disponível na WEB para treinamento desses modelos. As IA do tipo GAN segundo o próprio criador Goodfellow, são constituídas por um modelo gerativo que utiliza dois componentes em competição: um gerador, que tenta criar amostras realistas, e um discriminador, que busca distinguir entre imagens aceitáveis ou não. O processo de treinamento envolve um jogo de soma entre zero e um, entre esses dois modelos, levando o gerador a produzir saídas cada vez mais adequadas aos dados solicitados (Goodfellow et al., 2014, tradução nossa). Dessa forma, essa tecnologia opera a partir do recorte e recombinação de diferentes imagens disponíveis em seu banco de dados, buscando gerar uma nova composição visual. Guerra e Marques Junior (2023) destacam que os algoritmos da IA utilizados para a geração de imagens operam a partir da combinação de vastos bancos de dados visuais, utilizando redes neurais adversárias que confrontam imagens sintéticas com modelos realistas até alcançar resultados verossímeis. Esse processo permite a produção de imagens altamente realistas, capazes de enganar o olhar humano e serem confundidas com fotografias autênticas. No campo da Ciência da Informação, o debate em torno da IA e das transformações da imagem, especialmente no contexto da pós-fotografia, revela-se cada vez mais urgente. Diante da crescente circulação de imagens geradas por IA, torna-se imprescindível que as instituições desenvolvam políticas específicas voltadas à gestão, preservação e identificação desses novos objetos informacionais. Tais políticas devem não apenas garantir o tratamento adequado dessas imagens nos acervos, mas também oferecer respaldo à sociedade no que se refere à compreensão de seu conteúdo, orientando quanto ao uso responsável e à identificação de possíveis riscos à desinformação e à manipulação da realidade.

3 Pós-fotografia e Reconfiguração Terminológica

A discussão contemporânea sobre a pós-fotografia, conforme delineado por Fontcuberta e Alonso Riveiro (2021, tradução nossa), representa uma transmutação dos valores associados à fotografia tradicional, que por um século e meio se consolidou como um dispositivo hegemônico de memória e verdade. Nesse novo cenário, a pós-fotografia se volta para o presente, caracterizando-se pela produção massiva, circulação e disponibilidade de imagens em meios digitais, desafiando a noção de que a fotografia é um mero reflexo do real. A era pós-fotográfica, portanto, implica uma redefinição da relação entre imagem, tempo e realidade, onde a autenticidade e a indexicalidade são questionadas pela maleabilidade das imagens digitais. Emerge como um campo conceitual indispensável para a compreensão das profundas transformações que a imagem, e em particular a fotografia, têm experimentado. A pós-fotografia não se limita a uma mera evolução técnica; ela sinaliza uma ruptura ontológica e funcional, onde os novos usos da imagem, outrora capturada pela câmera escura, se distanciam significativamente de suas funções documentais tradicionais. Neste cenário, a IA se insere de forma inalienável, tornando-se um catalisador e um componente intrínseco dessas novas modalidades de criação imagética. Para contextualizar essa transição, é fundamental revisitar o conceito de imagem em sua acepção mais ampla. Imagem, abrange toda forma de representação visual percebida pelo olhar humano, seja ela material ou digital, estática ou em movimento, incluindo as construções mentais. Sua produção é multifacetada, englobando técnicas e tecnologias como pintura, desenho, animação ou computação gráfica. A imagem, em sua essência, não depende de um vínculo direto com o real, funcionando como uma construção simbólica e cultural que comunica sentidos por meio da forma e da visualidade. O advento do digital, um marco crucial para a pós-fotografia, provocou uma reconfiguração radical do conceito de imagem. Fabris (2015)

argumenta que a imagem numérica não mais representa diretamente o mundo visível, mas resulta de manipulações formais e linguísticas que produzem abstrações visuais autônomas. Essa mudança distancia-se da concepção clássica de representação como uma “janela para o mundo”. No novo paradigma digital, a imagem transcende o mero reflexo do real para se converter em um modelo pré-concebido, interativo, tridimensional e simbólico. Fabris compara o impacto dessa “escrita visual inédita” à invenção do alfabeto ou da imprensa, ressaltando como o digital, não apenas media a experiência, mas a estrutura, inserindo a imagem em lógicas computacionais que alteram as formas de conhecimento, memória, percepção e cultura.

Figura 2: Criança trabalhando, gerada por IA



Fonte: Captura de tela do site Sora, feita pelo usuário: j.k.ursus (2025).

A visualidade, nesse contexto pós-fotográfico, opera por simulação, recomposição e interação, exigindo novos quadros epistêmicos e uma reavaliação crítica dos fundamentos da imagem na contemporaneidade. Em contraste com a flexibilidade da imagem digital, a fotografia tradicionalmente se distingue por sua base na captação da luz refletida por objetos reais. Seu princípio técnico reside na formação de uma imagem a partir da ação luminosa sobre um suporte sensível, seja químico ou digital. Historicamente, a fotografia

é associada à ideia de registro, memória e testemunho do real, conferindo-lhe um valor documental e de autenticidade. Santos (2008) reforça essa perspectiva, compreendendo a fotografia como uma forma de expressão cultural que registra aspectos diversos da vida social. Para Kossoy, o fotógrafo não é um mero técnico, mas um agente ativo que orienta a construção da imagem conforme seus próprios filtros culturais. Assim, o estudo da fotografia exige uma análise contextual que considere o tempo, o espaço, a técnica e a biografia do autor, além de recorrer a fontes variadas para uma compreensão integral das condições de produção e do sentido das imagens. No entanto, é precisamente essa associação intrínseca ao “real” que a pós-fotografia desafia. A “fotografia algorítmica”, “fotografia binária” ou “imagem sintética” representa o ápice das transformações abordadas pela pós-fotografia. Caracterizada pela geração por meio de IA, esta modalidade dispensa a captação ótica do mundo físico. Tais registros não dependem de um referente real, sendo construídos a partir de bancos de dados, instruções textuais e programação. Embora visivelmente realistas, essas imagens carecem de um vínculo físico com a realidade, constituindo uma ruptura fundamental com os pressupostos tradicionais da fotografia enquanto documento visual indexado. Guerra e Marques Junior (2023) argumentam que, com o avanço das tecnologias de geração de imagens por Inteligência Artificial, torna-se essencial estabelecer mecanismos capazes de distinguir uma imagem sintética daquela capturada por meios fotográficos tradicionais. A câmera, como dispositivo de captação da luz refletida pelos objetos reais, continua sendo o elemento ontologicamente definidor da fotografia clássica. A ausência desse mecanismo pode colocar em dúvida a autenticidade da imagem gerada por IA, seguindo esses padrões. Principalmente quando estas se apropriam de partes de outras fotografias como base para recombinação e manipulação para geração de uma imagem nova. Os autores apontam que esse processo suscita dois impasses principais: a dificuldade de identificar o grau de veracidade da imagem

visualizada e a apropriação indevida do trabalho de fotógrafos, agravada pela ausência de regulamentação quanto ao uso e à autoria dessas imagens no ambiente digital. A pós-fotografia nos convida a reconhecer que a fotografia algorítmica não pode ser compreendida como uma “imagem” qualquer, pois sua existência está ancorada em um contexto técnico, semiótico e informacional que a distingue radicalmente das demais formas de representação visual. Apesar de sua proximidade estética com a fotografia tradicional, sua natureza ontológica é distinta. Esta forma de imagem não deriva da ação da luz sobre um sensor ou filme fotossensível, nem estabelece uma relação de indexicalidade com um referente direto. Sua produção ocorre por meio de processos computacionais baseados em redes neurais e algoritmos generativos, implicando a ausência de um vínculo físico com o objeto, pessoas ou cenários gerados. Contudo, sua aparência mimética é suficientemente convincente para induzir o observador à crença de que se trata de um registro autêntico aos moldes convencionais, conferindo-lhe um impacto informacional significativo e, ao mesmo tempo, problemático. Segundo Flusser (2012), as imagens técnicas não devem ser avaliadas pela dicotomia entre realidade e ficção, mas sim pela probabilidade que apresentam no sistema que as gera. Essas imagens são produzidas por programas que operam conforme regras previamente definidas, elaboradas por programadores que também seguem lógicas programadas. O foco da análise, portanto, não está na veracidade da imagem, mas no grau de plausibilidade de seu conteúdo segundo o funcionamento interno dos próprios sistemas informáticos. Flusser argumenta que o essencial é compreender os mecanismos de produção dessas imagens e o modo como reorganizam nossa percepção do mundo, substituindo a representação tradicional por simulações matemáticas e algoritmos. A leitura dessas imagens exige uma nova postura crítica, ao instaurarem um modelo de mundo fabricado a partir de dados, cálculos e manipulações visuais, criando não uma cópia do real, mas uma nova experiência

do visível. Reduzir a fotografia algorítmica à condição de “imagem” genérica seria negligenciar seu potencial de difusão em escala massiva nas redes digitais e seu papel ativo na reconfiguração de discursos, narrativas e práticas comunicacionais. Não é apenas uma imagem visualmente elaborada, mas um artefato informacional que desafia os critérios tradicionais, e carece de entendimento sobre seu potencial e seus possíveis efeitos práticos na sociedade. A pós-fotografia, portanto, nos alerta que tratar com a mesma neutralidade que outras imagens, desconsideraria suas implicações éticas, epistêmicas e documentais. Para a Ciência da Informação, a perspectiva da pós-fotografia torna ainda mais crucial o estabelecimento de terminologias claras e bem definidas entre imagem, fotografia e imagens gerada por IA. Essa distinção conceitual, informada pela compreensão das transformações pós-fotográficas, viabiliza a organização, descrição, indexação e preservação adequadas dos documentos visuais, respeitando suas especificidades técnicas e semânticas. Além disso, contribui para a produção de conhecimento rigoroso, o combate à desinformação e o fortalecimento da confiabilidade dos acervos digitais diante de novas formas de representação e manipulação visual, que são intrínsecas à era da pós-fotografia e da inteligência artificial.

4 Hiper-realismo como novo critério para definir o que é fotográfico

O impacto provocado pelas imagens geradas por IA decorre, fundamentalmente, de sua natureza hiper-realista. É esse hiper-realismo que as torna convincentes, por permitir a criação de um pseudo-recorte da realidade capaz de enganar a percepção do usuário. Ao confrontar-se com tais imagens, o olhar tende a atribuir-lhes um estatuto de fato, dada a semelhança visual com registros fotográficos comumente conhecidos. A elevada carga de verossimilhança confere a essas imagens uma aparência “fotográfica”, ainda que não resultem de um processo de captação óptica. Essa característica transforma profundamente as formas de recepção e compreensão visual,

sendo uma produção que simula, em aparência e estrutura, os parâmetros formais da fotografia, mas cuja gênese é puramente computacional e nativamente digital. Da sua criação, tramitação, descarte ou possível preservação. Souza e Silva (2006) observa que, na contemporaneidade, o hiper-realismo manifesta-se por meio da onipresença de imagens técnicas que, ao serem exibidas em telas audiovisuais, instauram uma nova maneira de perceber o mundo. Essas imagens não apenas representam a realidade, mas muitas vezes a substituem, instaurando um regime visual no qual o real é reconfigurado segundo a lógica dos simulacros. A perspectiva artificial, sobre telas, amplificada pelas tecnologias digitais, contribui para a padronização visual e transforma o ato de ver em um processo de contemplação de imagens supostamente verossímeis. Esse fato não deslegitima essas produções como objetos informacionais, mas exige uma compreensão mais aprofundada sobre seus usos, sua função comunicacional e, sobretudo, o impacto que geram. Discutir essas criações algorítmicas, de natureza estritamente computacional, levanta a questão sobre estarmos ou não diante de uma fotografia. À luz dos moldes tradicionais, como já discutido, a resposta tende a ser negativa, uma vez que não há captação óptica da realidade. No entanto, para o público que consome, replica e atribui sentido a essas imagens, o que predomina é o conteúdo ou a informação visual. O caso da foto viral do Papa Francisco, gerada por IA e tida como real por veículos de imprensa, mostra que a sociedade já naturaliza essas imagens como fotografias, evidenciando o deslocamento do critério de autenticidade para a aparência, deste modo hiper-realismo dita se algo é “real” ou não, e não mais para a origem técnica e contextual na qual a imagem foi gerada. Neste novo cenário, a definição pétrea de fotografia, ancorada em seu processo técnico-óptico, perde progressivamente sua relevância como árbitro da verdade visual. O debate ontológico sobre se uma imagem é ou não uma fotografia, com base no equipamento que a produziu, torna-se secundário diante de uma nova e pragmática realidade: a credibilidade de uma imagem

agora reside em sua capacidade de parecer real. A percepção do espectador, moldada pela verossimilhança e pelo hiper-realismo, emerge como o critério dominante de validação. Se a imagem algorítmica atinge um grau de realismo que a torna indistinguível de um registro tradicional, ela é funcionalmente absorvida no imaginário coletivo como “fotográfica”, independentemente de sua gênese. O impacto informacional e a autoridade documental são, portanto, transferidos do processo de origem para o efeito de recepção. Ao enganar o olhar com um realismo convincente, a origem técnica da imagem se torna secundária diante do valor simbólico e da potência comunicativa que ela assume no fluxo informacional contemporâneo. A compreensão da gênese das imagens técnicas e seu grau de processamento é essencial para identificar sua inserção no regime do hiper-real. O episódio envolvendo a imagem gerada por IA do Papa Francisco ilustra contundentemente a transição do paradigma.

Figura 3: Imagem viral do Papa Francisco



Fonte: Revista Forbes (2024).

A naturalização do termo “fotografia” para descrever o artefato, tanto por usuários de redes sociais quanto pela própria imprensa, revela a hegemonia do critério estético sobre o técnico. O hiper-realismo da imagem provocou uma suspensão coletiva da descrença, tornando a questão de sua origem irrelevante

no momento inicial de sua circulação. Mais do que isso, a imagem operou como um enunciado performático: ela não sugeria, mas afirmava uma informação (“o Papa usa roupas de luxo”), e foi essa afirmação que pautou o debate público. Fica evidente que o poder dessas criações não está apenas em sua capacidade de simular a realidade, mas em sua eficácia para construir e disseminar fatos visuais, com plena capacidade de informar e desinformar. Além da geração de imagens sintéticas, a IA inaugura a era da realidade editável, onde a manipulação de registros fotográficos autênticos se torna trivial.

Figura 4: Fotografia editada com IA da Samsung



Fonte: Captura de tela do site The Verge (2025).

A integração de ferramentas de IA generativa em dispositivos móveis, como os novos celulares da Samsung (The Verge, 2024), transforma cada fotografia em um campo aberto à intervenção. A distinção entre criar e editar torna-se obsoleta; com um simples desenho, um elemento novo e realista pode ser perfeitamente acrescentado a uma cena capturada, ou um elemento existente pode ser apagado sem deixar vestígios. Essa capacidade de realizar desde pequenas alterações estéticas até modificações contextuais

significativas, como a inserção ou remoção de elementos-chave, tem implicações profundas. Quanto mais distante a imagem estiver do momento de sua captação e mais mediada for por sistemas de manipulação digital, mais intensamente estará imersa em uma lógica de simulação, Souza e Silva (2006). Ainda que muitas dessas criações surjam de maneira despretensiosa, motivadas pela experimentação das ferramentas tecnológicas disponíveis, é preciso reconhecer que há implicações mais profundas nessas práticas. Por trás da aparência lúdica e exploratória, essas imagens hiper-realistas mobilizam repertórios visuais que impactam diretamente como o público percebe a realidade. A crescente disponibilidade de ferramentas para geração de imagens sintéticas baseadas em IA, de acordo com estudo recente do Oxford Internet Institute, houve um crescimento acentuado na circulação de modelos de *deepfake* publicamente acessíveis. As *deepfakes* representam uma aplicação avançada da inteligência artificial na criação de conteúdo multimídia fraudulenta, abrangendo imagens, áudios e vídeos. Essa tecnologia permite tanto a adulteração de elementos preexistentes, como a substituição de rostos ou a modificação de vozes, quanto a geração de material inteiramente sintético a partir de comandos específicos. Essencialmente, as *deepfakes* constituem uma forma sofisticada de desinformação, caracterizando-se como ferramentas contemporâneas e de elevado risco, dada a sua capacidade de simular eventos e imitar indivíduos com um grau de verossimilhança que dificulta a detecção de sua falsidade, Brasil (2024). Aproximadamente 35 mil variantes desses modelos foram disponibilizadas em plataformas, sendo baixadas quase 15 milhões de vezes desde novembro de 2022, Hawkins, Russell & Mittelstadt (2025). Esses modelos são voltados, em sua maioria (cerca de 96%), para a criação de imagens de mulheres, abrangendo desde celebridades até indivíduos com menor visibilidade em redes sociais.

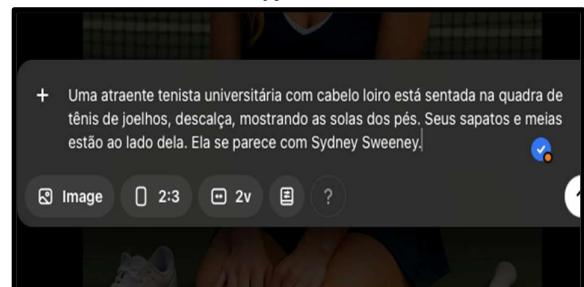
Figura 5: Deepfake da atriz Sydney Sweeney



Fonte: Captura de tela do site Sora, feita pelo usuário: bigie8266 (2025).

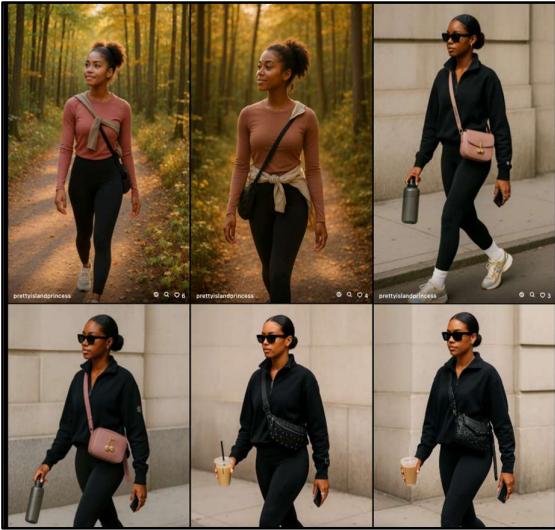
A técnica utilizada, conhecida como *Low Rank Adaptation* (LoRA), permite que qualquer usuário, com cerca de 20 imagens de uma pessoa e recursos computacionais mínimos, treine um modelo personalizado em aproximadamente 15 minutos. Essa facilidade técnica acentua os riscos relacionados à geração de conteúdos sintéticos com potencial danoso, especialmente no que tange à produção de imagens íntimas não consensuais, frequentemente rotuladas de forma explícita pelos próprios usuários da plataforma.

Figura 6: Prompt/Comando usado para gerar o Deepfake



Fonte: Captura de tela do site Sora, tradução feita pelos autores (2025).

Figura 7: Análise do perfil de um usuário que utilizou recursos de IA para criar representações visuais de uma mulher em variados contextos



Fonte: Captura de tela do site Sora, feita pelos autores (2025).

Assim, mesmo quando não há intencionalidade explícita, essas produções podem influenciar processos de significação, reforçando estereótipos ou desinformando, nos espaços públicos digitais. Fabris (2015) afirma que o hiper-realismo não deve ser compreendido como uma simples retomada da mimese tradicional, mas como um questionamento crítico da relação entre imagem e realidade. Por meio de uma representação minuciosa e calculada, essas obras colocam em evidência o estatuto ilusório da própria imagem técnica. A fotografia, enquanto prática consolidada, continuará ocupando um espaço relevante. No entanto, a crescente acessibilidade das ferramentas de IA, que permitem a geração de imagens por meio de simples comandos de texto, suscita reflexões sobre como essas novas representações visuais irão se integrar à sociedade. A inteligência artificial generativa está redesenhandando o processo criativo em diversas mídias, como artes visuais, música, literatura e animação. Embora inicialmente percebida como uma ameaça à criatividade humana, a IA é entendida como um novo meio expressivo com capacidades próprias, que exige uma reconfiguração do papel do artista e das formas de autoria Epstein et al. (2023). A possibilidade de materializar ideias visuais de

forma instantânea e personalizada modifica profundamente a lógica da produção imagética. No campo do entretenimento, esse fenômeno já é perceptível: memes, conteúdos humorísticos, animações e até séries dramáticas vêm utilizando a IA como recurso criativo, consolidando seu uso como uma linguagem imagética autônoma e amplamente consumida principalmente em redes sociais. A relação com o real nas imagens hiper-realistas não depende mais da mimese, mas da capacidade técnica de produzir experiências sensoriais convincentes, nas quais a imersão e o impacto visual substituem o vínculo referencial direto com a realidade objetiva Costa (2010). As ferramentas de IA generativa possuem uma estética própria, frequentemente marcada pelo hiper-realismo. Essa estética se dissemina nas mídias visuais e pode obscurecer a identificação da intenção do criador humano, ao mesmo tempo, em que impõe novos desafios para a diversidade estética e o reconhecimento da autoria Epstein et al. (2023). Ocorre o nascimento de ecossistemas de mídia inteiramente sintéticos, onde narrativas, estéticas e até mesmo memórias que nunca ocorreram são criadas e compartilhadas em larga escala, formando comunidades online coesas em torno de imagens fabricadas. O perigo reside na capacidade dessas culturas de se infiltrar no imaginário coletivo, normalizando representações distorcidas. A facilidade com que se pode gerar imagens realistas de figuras históricas em contextos fictícios, como o exemplo do Papa Francisco, representa uma ferramenta poderosa para o revisionismo histórico, capaz de criar provas visuais para narrativas que visam minar consensos estabelecidos. A fabricação de um passado visual alternativo ameaça diretamente a integridade dos arquivos e a própria noção de memória coletiva, que depende de um substrato documental compartilhado e verificável. Adicionalmente, a discussão sobre os vieses algorítmicos, precisa ser expandida para abranger a questão da hegemonia cultural algorítmica. Os modelos de IA, treinados predominantemente com dados que refletem as perspectivas do Norte Global, tendem a

reproduzir e perpetuar estereótipos de gênero, raça e classe, enquanto marginalizam ou apagam visualmente culturas não-ocidentais. Este fenômeno opera como uma forma de colonialismo digital, onde a capacidade de auto-representação é mediada por algoritmos que impõem uma estética normativa, resultando na erosão da diversidade cultural em favor de uma cultura visual globalizada e homogênea. Nesse contexto, o papel do profissional da informação deve evoluir para além da preservação e catalogação. Torna-se imperativo que atuem como curadores críticos e educadores, desenvolvendo uma alfabetização visual algorítmica. Isso implica não apenas ensinar a identificar imagens sintéticas, mas também a compreender as dinâmicas de poder embutidas em sua criação. A solução demanda uma abordagem que combine regulação, ferramentas de detecção e, fundamentalmente, uma educação que capacite os usuários a usar criticamente este novo ecossistema virtual. A discussão, portanto, move-se da preocupação com o fim da fotografia para a análise das formas de vida, cultura e poder que nascem da imagem sintética. Portanto, mais do que rejeitar ou glorificar essas novas formas de imagem, é imperativo compreendê-las em total complexidade. O papel do profissional da informação é, agora, o de desenvolver metodologias e estratégias que garantam a transparência, a preservação e o acesso responsável a esses documentos. Reconhecer essas imagens como documentos informacionais, sem perder de vista as transformações epistemológicas que impõem à maneira como compreendemos, produzimos e arquivamos no século XXI. Desse modo, busca-se oferecer subsídios que possibilitem uma melhor compreensão, uso e avaliação da informação visual, especialmente diante da complexidade estética e tecnológica das imagens geradas pelas IA.

5 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa, de natureza exploratória, analisa os impactos da Inteligência Artificial na fotografia contemporânea e como a produção

de imagens sintéticas redefine os conceitos tradicionais de registro visual e informação fotográfica. A metodologia se estrutura em dois eixos complementares: a análise teórica e a produção prática de imagens com IA, buscando compreender a transição para a pós-fotografia e a conexão das linhas entre o real e o artificial. O eixo teórico compreende um levantamento bibliográfico em fotografia, Ciência da Informação, cultura digital e inteligência artificial. Este levantamento fundamenta a análise dos paradigmas tradicionais da fotografia documental, que sempre foi considerada um registro visual fidedigno da realidade quando contextualizado, e dos desafios impostos pela IA no que tange à autenticidade, veracidade e à necessidade de novos parâmetros para diferenciar a captura da geração. Foram priorizadas fontes em português e inglês relevantes para a área. No eixo prático, a metodologia adota a análise de conteúdo, comparando imagens geradas por IA com fotografias do acervo digital do Instituto Moreira Salles (IMS), sendo fotos panorâmicas de cidades e de personalidades históricas, como referência para a comparação. O objetivo é investigar a capacidade da IA em simular documentos e desafiar a percepção de autenticidade, produzindo imagens realistas que se confundem com registros fotográficos reais. Para a geração das imagens, foram empregadas a IA Sora, a partir de comandos textuais (prompt). A análise comparativa das imagens geradas com as de acervo se baseou inicialmente em critérios como verossimilhança, composição, resolução, fidelidade visual e elementos estéticos. Esta análise foi complementada por uma leitura crítica fundamentada na semiótica Roland Barthes do signo fotográfico (2012) e na cibercultura de Lévy (1999), permitindo interpretar os elementos e sentidos presentes nas imagens artificiais. Esta abordagem visa identificar o potencial das IA em produzir imagens indistinguíveis de fotografias reais, que simulam aspectos documentais, e analisar criticamente essa nova produção informacional, que desafia os modelos tradicionais de organização e validação

documental.

6 Resultados

A fase experimental deste estudo, focada na aplicação da IA para a geração de imagens a partir de um corpus de fotografias históricas, revelou a impressionante maturidade dessas ferramentas em simular e recriar elementos visuais com um alto grau de fidelidade. Sendo: Museu Imperial de Petrópolis, um retrato de Getúlio Vargas e uma vista do Pão de Açúcar. Todas foram reproduzidas com uma precisão que transcende a mera cópia. A análise dos resultados demonstra que a IA foi capaz de interpretar nuances contextuais e estilísticas contidas nos prompts, replicando não apenas a composição e a forma, mas também a assinatura visual de épocas fotográficas distintas. A tecnologia conseguiu emular com verossimilhança texturas de filme analógico, angulações de câmera específicas, complexas técnicas de iluminação e a profundidade de campo característica de diferentes lentes. O resultado são imagens sintéticas que se aproximam visualmente da fotografia tradicional a um nível que borra as fronteiras entre o registro óptico e a criação algorítmica, confirmando o hiper-realismo como sua principal característica

Figura 7: Imagem Original - Museu Imperial



Fonte: Telles, Augusto Carlos da Silva (1970), IMS.

Figura 8: Imagem Gerada por IA - Museu Imperial



Fonte: Criada pelos autores (2025).

Prompt usado - figura 8: Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Arquitetura neoclássica do século XIX, fachada principal em tons de rosa e branco, com colunas, janelas arqueadas e detalhes ornamentais. Inserir palmeiras imperiais ao fundo e vegetação tropical no entorno. Cenário externo com céu azul claro e poucas nuvens. Iluminação natural suave de fim de tarde com efeito HDR. Ângulo de visão levemente inclinado da esquerda para a direita (*three-quarter view*), capturando a lateral e a fachada principal do edifício. Usar simulação de lente 35mm, profundidade de campo moderada, textura nítida e sombras realistas. Estilo fotográfico documental com composição equilibrada e simetria arquitetônica destacada.

Figura 9: Imagem Original - Getúlio Vargas



Fonte: Ballot, Henri (1953), IMS.

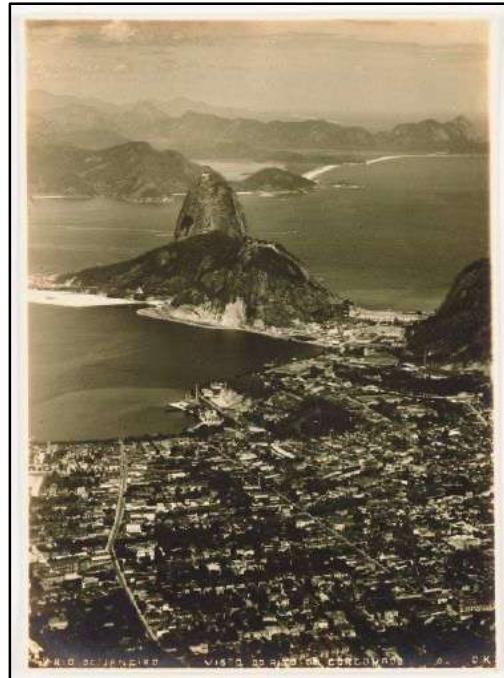
Figura 10: Imagem Gerada por IA - Getúlio Vargas



Fonte: Criada pelos autores (2025).

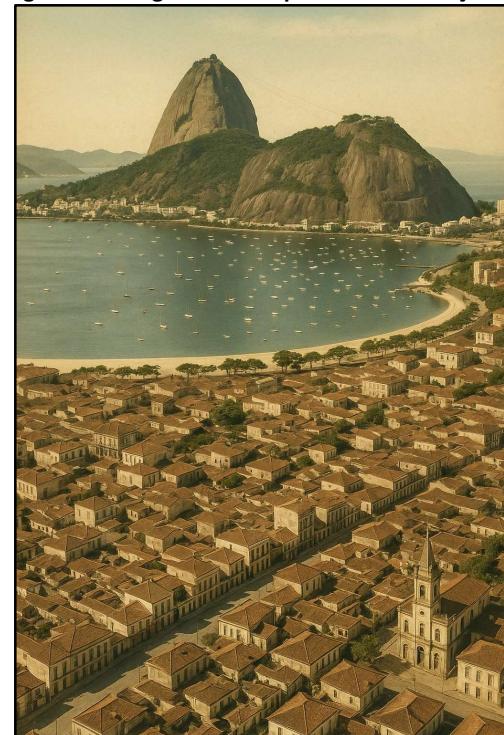
Prompt usado - figura 10: Retrato em preto do Getúlio Vargas, político brasileiro dos anos 1950, em evento público, vestindo terno claro com lenço branco no bolso, gravata preta com pequenos pontos brancos, camisa branca e óculos escuros metálicos. Deve estar sorrindo discretamente, com cabelo penteado para trás e expressão confiante. O fundo deve conter figuras masculinas em traje formal-militar ou camisas sociais ao fundo, levemente desfocadas, com foco principal no personagem central. Composição fotográfica em plano médio fechado, luz natural suave, textura de filme analógico, com leve granulação típica de película da década de 1950. Utilizar lente simulada 85mm com abertura f/2.8 para profundidade de campo curta e realce do sujeito principal. Manter fidelidade histórica no figurino e ambientação, simulando um retrato oficial espontâneo de estadista brasileiro da Era Vargas.

Figura 11: Imagem Original - Pão de Açúcar



Fonte: Autoria não identificada (1915), IMS.

Figura 12 Imagem Gerada por IA - Pão de Açúcar



Fonte: Criada pelos autores (2025).

Prompt usado - figura 12: Rio de Janeiro no século XIX, vista aérea ampla com composição

panorâmica mostrando o bairro histórico com casas e ruas simétricas. Ao fundo, inserir a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar em destaque. A vegetação costeira deve ser tropical e densa, com árvores alinhadas próximo à orla. Estilo visual emula fotografia colorizada antiga (*fotochrome* ou *autochrome*), com paleta sépia suave e luz natural difusa do entardecer. Utilizar simulação de lente de 50mm com profundidade de campo ampla, textura levemente granulada. Enquadramento oblíquo com leve inclinação, captando cidade e relevo ao fundo.

Apesar da precisão técnica, as imagens geradas revelaram alterações pontuais que impactam diretamente a autenticidade do conteúdo. Foram inseridos, por exemplo, detalhes arquitetônicos inexistentes no Museu Imperial, modificações faciais no retrato de Vargas e objetos adicionais não solicitados na paisagem carioca. Tais distorções, embora sutis, tornam evidente o funcionamento criativo autônomo da IA, que se baseia em inferências e probabilidades construídas por seu treinamento algorítmico. Isso demonstra que a IA não apenas replica, mas também interpreta e preenche lacunas visuais com base em padrões pré-existentes em seu banco de dados, podendo gerar manipulações não solicitadas.

Figura 10: Imagem Gerada por IA - Getúlio Vargas segurando uma banana



Fonte: Criada pelos autores (2025).

Um experimento alternativo feito ocorreu com a introdução de um único e direto comando adicional ao prompt original: solicitar que a

figura de Getúlio Vargas segurasse uma banana. Essa modificação, aparentemente trivial, serve como um exemplo contundente da capacidade da IA de recontextualizar drasticamente uma cena a partir de uma instrução mínima. A naturalidade com que o elemento anacrônico e absurdo foi integrado à imagem, ajustando a postura da mão, a iluminação sobre o objeto e a interação com a figura, demonstra uma autonomia interpretativa que vai muito além da simples execução de ordens. Essa autonomia operacional escancara os vieses implícitos no treinamento dessas tecnologias, que carregam marcas estruturais de desigualdade, como padrões racistas, sexistas e colonialistas, conforme já problematizado por Silva (2023). A manipulação automatizada, aparentemente neutra, é moldada por valores normativos embutidos em seus bancos de dados, resultando em distorções simbólicas que têm implicações diretas na construção e disseminação da informação visual. Em síntese, os resultados demonstram que as imagens geradas por IA não apenas mimetizam o real com elevada eficiência, mas também o reinterpretam de acordo com lógicas algorítmicas que escapam ao controle do usuário. Tal constatação impõe a necessidade urgente de discutir os limites éticos e epistemológicos do uso dessas imagens enquanto documentos informacionais, especialmente em contextos sensíveis como a história, a memória e a cultura visual. A IA não substitui a fotografia tradicional. O falso realismo que transmitem constitui o principal elemento de legitimação dessas criações.

7 Considerações Finais

A inserção das Inteligências Artificiais no campo da imagem inaugura uma nova era para a fotografia. A distinção entre imagem e fotografia torna-se cada vez mais difícil, especialmente quando as ferramentas de IA conseguem criar imagens com alta precisão e realismo. No contexto da Ciência da Informação, é essencial compreender essas imagens como parte de uma nova produção informacional, que desafia os modelos

tradicionalis de organização, validação e preservação documental. As imagens criadas por IA, não devem ser descartadas como meras simulações, mas analisadas criticamente como produtos significativos da cultura digital. Ao desafiar as definições clássicas de fotografia, a pós-fotografia nos obriga a repensar os conceitos de documento, veracidade e representação. O papel das instituições de informação e de seus profissionais será central nesse processo de mudança para garantir que as informações cheguem até seus usuários de forma segura e fidedignas. Conclui-se que a fotografia, longe de estar em crise, está em expansão, ganhando novos meios, ferramentas e significados. Com isso, torna-se fundamental acompanhar, registrar e refletir criticamente sobre essas transformações, não somente no campo da imagem, mas no da sociedade contemporânea em sua totalidade. Diante do avanço das tecnologias de IA generativa, torna-se evidente que estamos lidando com um novo regime de produção imagética que reconfigura profundamente os fundamentos tradicionais da fotografia e da criação visual. A facilidade com que essas imagens podem ser produzidas, manipuladas e disseminadas exige uma reflexão crítica sobre sua natureza, usos e impactos. A rápida assimilação dessas imagens sintéticas no tecido do cotidiano, seja como entretenimento, produto cultural ou forma de desinformação nas redes sociais, impõe uma urgência às instituições. Não se trata mais de uma necessidade futura, mas de uma demanda presente por protocolos e ferramentas. A resposta exige mais do que políticas atualizadas; requer criar novos instrumentos que contemplam a complexidade técnica e a ambiguidade legal da preservação digital desses novos documentos. A implementação de sistemas de rastreabilidade de proveniência algorítmica, a exigência de metadados forenses e a formulação de critérios curatoriais rigorosos para seleção e tratamento não são mais meras recomendações: tornam-se condições essenciais para a inclusão consciente desses artefatos em repositórios informacionais, garantindo que os acervos do futuro não se tornem depósitos de

informações geradas sem contexto ou origem para uso.

8 Referências

- BARTHES, Roland. A câmara clara: Nota sobre fotografia. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Beiguelman, G. (2023). Inteligência artificial como phármakon: A arte algorítmica entre o remédio e o veneno. *Rapsódia*, 1(17), 161–174. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9772.i17p161-174>
- Beiguelman, G. (2023). Inteligência artificial e as novas políticas das imagens. *Revista ZUM*. <https://revistazum.com.br/colunistas/inteligencia-artificial-e-as-novas-politicas-das-imagens/>
- Brasil. (2024). *Guia ilustrado contra as deepfakes*. Supremo Tribunal Federal; Data Privacy Brasil.
- Costa, B. (2010). O hiper-realismo sensorial de 300. *E-Compás*, 13(1). <https://doi.org/10.30962/ec.425>
- Dubois, P. (2008). *O ato fotográfico e outros ensaios* (11ª ed.). Papirus.
- Entler, R. (2020). Paradoxos e contradições da pós-fotografia. *Revista ZUM*. <https://revistazum.com.br/colunistas/pos-fotografia/>
- Epstein, Z., Hertzmann, A., Investigators of Human Creativity, Akten, M., Farid, H., Fjeld, J., ... & Smith, A. (2023). Art and the science of generative AI. *Science*, 380(6650), 1110–1111.
- Fabris, A. (2015). O debate crítico sobre o Hiper-realismo. *ArtCultura*, 15(27). <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/29348>
- Flusser, V. (1998). *Ensaio sobre a fotografia: Para uma filosofia da técnica*. Relógio D'Água.
- Flusser, V. (2012). *O universo das imagens técnicas*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Fontcuberta, J., & Riveiro, M. A. (2021). Imágenes desquiciadas: Una conversación sobre (post)fotografía, tiempo y memoria con Joan Fontcuberta. *Discursos Fotográficos*, 16(29), 246–273.

- <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2020v16n29p246>
- Forbes. (2024, January 16). Papa Francisco alerta sobre perigos da IA após foto viral. *Forbes Brasil*. <https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/01/papa-francisco-alerta-sobre-perigos-da-ia-apos-foto-viral/>
- Goodfellow, I. J., Pouget-Abadie, J., Mirza, M., Xu, B., Warde-Farley, D., Ozair, S., Courville, A., & Bengio, Y. (2014, June 10). Generative adversarial networks. *ArXiv*. <https://arxiv.org/abs/1406.2661>
- Guerra, C. B., & Marques Junior, J. A. (2023). O problema da inteligência artificial aplicada às fotografias e o pensamento de Vilém Flusser. *Logeion: Filosofia da Informação*, 10(esp2), 82–93. <https://doi.org/10.21728/logeion.2023v10nesp2.p82-93>
- Joachim, S. (2011). Arte computadorizada: Uma modelização intersemiótica e pragmática. *Ciência & Trópico*, 26(1). <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/671>
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Madio, T. C. de C., & Fujita, M. S. L. (2008). A importância da gênese documental para identificação de acervos fotográficos. *Ibersid: Revista de Sistemas de Información y Documentación*, 2, 251–261. <https://doi.org/10.54886/ibersid.v2i.2244>
- Marcondes, M. (2005). Conservação e preservação de coleções fotográficas. *Histórica*, 1(1), 1–13. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica01.pdf
- Oliveira, I. (2023). Imagem feita com IA ganha concurso e fotógrafo recusa prêmio. *UOL Gizmodo*. <https://gizmodo.uol.com.br/imagem-feita-com-ia-ganha-premio-fotografia/>
- Oxford Internet Institute. (2024, April 17). Dramatic rise in publicly downloadable deepfake image generators. *University of Oxford*. <https://www.oi.ox.ac.uk/news-events/dramatic-rise-in-publicly-downloadable-deepfake-image-generators/>
- Rose, G. (2016). *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials* (4th ed.). SAGE.
- Santaella, L., & Braga, A. A. (2024). A inteligência artificial generativa e os desconcertos no contexto artístico. *Revista GEMInIS*, 14(3), 5–20. <https://doi.org/10.14244/2179-1465.RG.2023v14i3p05-20>
- Santos, F. L. (2008). KOSSOY, Boris. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista. *Revista De História Regional*, 13(1). <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2262>
- Silva, T. (2023). O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural. *Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz*. <https://cee.fiocruz.br/?q=Tarcizio-Silva-O-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural>
- Souza e Silva, W. (2006). Vista da fotografia digital: Revelação das imagens e a fragmentação da hiper-realidade. *Revistas USP*. <https://revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51427/55494>
- Souza, W. (2010). Foto 0/Foto 1. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.27.2010.tde-01122010-094326>
- Tagé, M. (2024). Inteligência artificial na fotografia: O esvaziamento do caráter documental na produção de imagens-fluxo. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, 8(1). <https://doi.org/10.5965/25944630812024e4843>
- The Verge. (2024, July 17). Samsung Galaxy AI could let you create a Z Fold 6 with just a sketch. *The Verge*. <https://www.theverge.com/2024/7/17/24199005/samsung-galaxy-ai-z-fold-6-sketch-to-image>
- Tonello, I. M. S., & Madio, T. C. de C. (2018). A fotografia como documento: Com a palavra Otlet e Briet. *Informação & Informação*, 23(1), 77–93. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n1p77>